

PRAÇA CARLOS GOMES

Denominação em 06-09-1848

Designação em 23-07-1877

Designação em 27-09-1880

Formada pela antiga Praça Corrêa de Melo

Situada entre as ruas da Conceição, Irmã Serafina,
General Osório e Boaventura do Amaral

Centro

Obs.: Em 06-09-1848 recebeu o nome de Praça do Paseio. Em 23-07-1877 por proposta do vereador José Bento dos Santos, pasou a ser denominada Praça Corrêa de Melo. A atual denominação foi proposta pelos vereadores Jorge Miranda e Antônio Pompeu, homenageando em vida o nome do genial maestro, que havia résidido com seus pais, em frente à praça, na esquina formada pelas ruas Sete de Setembro (Irmã Serafina) e das Casinhas (General Osório). A enorme área, transformada na hoje Praça Carlos Gomes, era toda minada por águas nascentes e erosões, havendo servido por muitos anos, como depósito de lixo. A 07-09-1913, na gestão do Prefeito Heitor Penteado, é que se inaugurou o ajardinamento, isto é, a urbanização sa praça. Antes foi conhecida pelos nomes de Largo do Mercado, Largo do Lixo. Hoje, ainda chamam de Praça das Palmeiras, Jardim das Palmeiras e Jardim Carlos Gomes.

CARLOS GOMES

Antonio Carlos Gomes nasceu em Campinas em 11-julho-1836 e faleceu em Belém, Pará, em 16-setembro-1896. Era filho de Manuel José Gomes e Fabiana Maria Jaguari Cardoso e foi casado com Adelina Peri Gomes, deixando descendência. Revelando desde menino dotes artísticos, aos 10 anos começou a tocar ferrinhos, na banda de seu pai, que foi seu primeiro mestre e estudou todos os instrumentos que ali existiam, para poder substituir qualquer músico ausente. Ainda jovem começou a compor música sacra, romanças e fantasias e aos 19 anos compôs sua primeira Missa. Indo sempre a São Paulo em companhia de seu irmão José Pedro, compôs em homenagem aos estudantes de Direito o "Hino Acadêmico". Instado por amigos e colegas, resolveu partir para o Rio de Janeiro, sem levar dinheiro, apenas algumas cartas de apresentação. Na côrte foi estimulado e amparado pelo imperador D. Pedro II, frequentou o Conservatório Musical do Rio e em 1859, matriculou-se nas aulas de contra-ponto do professor Joaquim Gianini, sendo premiado com Menção honrosa de 1.ª classe. A 04-setembro-1861, a sua opera "A Noite do Castelo", foi apresentada no Teatro da Opera Nacional, no Rio, que contou com a presença de D. Pedro II

Praça Carlos Gomes

Fls. 02

e D. Tereza Cristina e também, de seu pai, Manéco Músico. Logo depois compõe a célebre e popular modinha "Quem Sabe?". A 01-novembro-1862, Carlos Gomes apresenta no Rio, com sucesso, a sua segunda opera, a "Joana de Flandres". No ano seguinte, contando com o apoio do imperador, o aluno Carlos Gomes foi escolhido pelo diretor do Conservatorio de Música, para, às expensas da Empresa Ópera Lírica Nacional, ir aperfeiçoar-se num conservatorio da Italia. A 08-dezembro-1863 parte para a Italia, e em Milão, passa a frequentar as aulas do maestro Lauro Rossi, onde após três anos de estafantes estudos, obteve o diploma de Maestro Compositor. Seu primeiro trabalho na Italia, apresentou-o em 19-março-1870, no teatro Scala, de Milão, "O Guarani", que o consagrou. O rei da Italia nessa ocasião, agraciou-o com as insignias de cavaleiro da Ordem da Coroa da Italia. Vindo ao Brasil, Carlos Gomes esteve por duas vezes em sua Campinas, em 17-agosto-1870, quando foi acolhido apoteoticamente, e em 16-fevereiro-1871, para visitar o seu irmão e protetor José Pedro de Sant'Ana Gomes. De volta à Italia Carlos Gomes compõe "Maria Tudor", "Fosca" e "Salvador Rosa". As duas primeiras, devido rivalidades de editores não foram bem recebidas, mas "Salvador Rosa" obteve estrondoso sucesso, maior, talvez, do conseguido quando da apresentação de "O Guarani". Em 1880, o maestro vem de novo ao Brasil e aqui escreveu "O Escravo", que ofereceu à Princesa Isabel, cuja estréia verificou-se no Rio, em 26-setembro-1879 e com reapresentação de gala, dois dias depois. Carlos Gomes foi condecorado com a venera de cavaleiro da Imperia Ordem da Rosa, cravejada de brilhantes, em 08-novembro-1861. Em 1863, o imperador o promoveu à Oficial dessa Ordem e em 02-outubro-1889, foi novamente promovido, sendo elevado à Grande Dignatário da mesma. Com a proclamação da República começou a sentir dificuldades economicas, viajando então para os Estados Unidos, onde na Exposição de Chicago, obteve grande sucesso. Em março de 1895, atendendo convite do maestro Gama Malchert, da Associação Cívica do Pará, foi apresentar suas óperas na estação lírica daquele ano. O governador do Pará, Lauro Sodré, seu velho admirador, sabedor de suas dificuldades e aperturas, convidou o maestro Carlos Gomes para dirigir o Conservatorio Musical de Belém. Em 1896, ocupava o honroso cargo quando veio a falecer. Seu corpo embalsamado foi transportado para Campinas, graças à boa vontade do governador Lauro Sodré. A trasladação realizou-se no vapor de guerra, que, por isso ficou denominado "Carlos Gomes". O corpo do maestro ficou depositado de outubro de 1896 no jazigo da familia Ferreira Penteado e foi removido para a cripta do monumento em 29-junho-1904, cuja inauguração festiva deu-se em 02-julho-1905.

Texto: Benedito Barbosa Pupo



As Palmeiras Quase Centenárias

As palmeiras imperiais que agitam seus flabelos no embalo do vento, são de 1883, mas o ajardinamento da Praça Carlos Gomes deve-se a Heitor Penteado, que como prefeito de Campinas na década de final 20, transformou o quadrilátero formado pelas ruas da Conceição, Boaventura, do Amaral, General Osório e Irmã Serafina no belo logradouro hoje ali existente. Até então, seu único atrativo eram as palmeiras imperiais, ali plantadas há 95 anos, por iniciativa do vereador Manuel Francisco Mendes. Em outros tempos, havia ali um brejo, onde por determinação da Câmara Municipal, era depositado parte do lixo recolhido na cidade, com a finalidade de aterrá-lo.

Existe no Centro de Ciências, Letras e Artes uma curiosa planta da cidade, levantada em 1978 pelo engenheiro Luis Pucci, na qual estão traçadas as ruas e praças com os respectivos nomes de então. Sobre o logradouro circundado pelas palmeiras imperiais, que então não haviam ainda sido plantadas há cousas interessantes nessa planta, dignas de registro. Em primeiro lugar a denominação que Luis Pucci registra: "Largo Correa de Melo". Esta denominação abrangia também a área onde hoje está construída a Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus "Carlos Gomes", na qual existia então um edifício: O Mercado Grande, como vem mencionado na planta. Este, construído em 1860 pela Câmara Municipal foi inaugurado no ano seguinte, funcionando como mercado até 1836, quando passou para a Comissão Sanitária, transformado que fora em Deseinfetório. Com a denominação de Praça de Carlos Gomes aparece na planta do engenheiro a atual Praça das Andorinhas, onde em 1974 implantou-se o monumento de Lélío Coluccini comemorativo do Segundo Centenário da Fundação da Cidade de Campinas. Segundo José de Castro Mendes, a denominação de "Praça de Carlos Gomes", data de 29 de setembro de 1869.

A nomenclatura das ruas campineiras mereceria bem um estudo profundo em que se esclarecessem certos pontos, obscuros, como este do nome da Praça Carlos Gomes, que, em 1878, aparece na planta de Luis Pucci com o nome de Largo Correa de Melo. (O nome da praça que tem o nome do botânico que aqui se radicou está na planta como Largo do Jurumbeval). Segundo tal planta, como anteriormente nos referimos, já em 1878 havia um logradouro com o nome de Carlos Gomes, local onde houve um mercado que se transformou em pouso de andorinhas e hoje é praça.

O professor Odilon Nogueira de Matos e o heraldista campineiro têm-se preocupado com o assunto, sendo de muito interesse para a memória de Campinas que o resultado de suas pesquisas sobre logradouros da cidade fossem divulgados, para se esclarecerem as dúvidas que pairam muitos espíritos. Uma dessas dúvidas é esta: Por que razão Jorge Miranda, quando vereador em Campinas, em 1880 propôs o nome de Carlos Gomes para a praça que então deveria, segundo a planta da cidade, chamar-se Correa de Melo? A história desses logradouros deveria ser dada a conhecer às novas gerações, que começam a voltar suas vistas para o passado no sentido de preservação da memória das cidades. Sobre a nomenclatura de ruas de Campinas é mister que se saliente também o "Parecer de 1944" elaborado pela Comissão do Centro de Ciências, Letras e Artes constituída pelo dr. Celso Resende (presidente e relator), prof. Celso Ferraz de Camargo e o jornalista João Batista de Sá (Jornal Brito). As histórias de nossos logradouros deveria ser dada a conhecer às novas gerações, que começam a voltar suas vistas para o passado no sentido da preservação da memória da cidade.

Seria muito interessante informar a gente campineira de que em 1880, os vereadores Jorge Miranda e Antônio Pompeu de Camargo propuseram à Câmara e tiveram aprovação, que se desse o nome de Carlos Gomes à praça então com o nome de Correa de Melo. Na mesma ocasião, esses dois vereadores propuseram que o nome do botânico fosse dado à praça do Jurumbeval.

Omar Simões Magro, em seu artigo "As casuarinas (Campinas há sessenta anos)", escrito em 1923, referindo-se às águas, que, hoje, desçam pela galeria sob as ruas Barão de Jaguara e César Bierrenbach, escreveu que elas "vinham pelo meio de quintais e terrenos reaparecer na rua do Brejo (Irmã Serafina) junto à travessa do Gois (César Bierrenbach). Declarando que a rua do Brejo fora prolongada até a rua da Matriz Velha (Barreto Leme), relatou Omar Simões Magro que essa rua "se estendia pela frente do Mercado e subia até o Campo da Alegria, passando ao lado do brejo que depois constituiu a praça de Correa de Melo, nome

mais tarde trocado pelo de Carlos Gomes, que hoje tem, quando foi inaugurada, em outro local, e escola que tem o nome do grande botânico campineiro". Ainda Omar Magro informa: "Do outro lado ficava a rua do Chafariz (Boaventura do Amaral), depois ruas ainda mal construídas: a da Boa Morte (Padre Vieira), o Largo Municipal e outras delimitadas". Esclarecemos o leitor que este Largo Municipal é a praça Imprensa Fluminense, onde se acha o Centro de Convivência Cultural de Campinas, e o campo da Alegria é a atual praça D. Pedro II.

NOMES PITORESCOS

"Jardim das Palmeiras" é, atualmente, um dos nomes empregados pelo povo para designar a Praça "Carlos Gomes". (Há pessoas que não a conhecem por este nome mas sim pelo popular de "Jardim das Palmeiras"). Em outros tempos a hoje civilizada Praça "Carlos Gomes" foi conhecida como Largo do Brejo e também Largo do Chafariz, em razão de existir nele, um desses ornatos urbanos, construído em 1882, ao lado da rua General Osório. Nesse mesmo ano, construíram também um bebedouro para animais na esquina das ruas Irmã Serafina e rua César Bierrenbach.

"O chafariz" — assim descreve José de Castro Mendes esse melhoramento — "era uma peça harmoniosa, de linhas simples, mas elegantes, constando de um frontão de cimento, tendo ao centro um nicho com artístico ferrão ornamental". Como pormenores decorativos, informa José de Castro Mendes, existiam, ao lado, dois golfinhos". Informa ainda José de Castro Mendes, que aduz: "Os canos de jarros ficavam abaixo do nível de rua, fornecendo água com fartura, muito aproveitado pelas lavadeiras que ali faziam ponto, diariamente".

Antes de terem os atuais nomes, as três ruas mencionadas tiveram denominações pitorescas, como rua das Casinhas (General Osório), rua do Gois (César Bierrenbach) e Bica Grande (Irmã Serafina), também denominada durante algum tempo, rua 7 de Setembro.

As outras duas ruas que formava no quadrilátero eram: rua do Brejo ou do Chafariz, também chamada do Mercado, (Boaventura do Amaral) e Formosa (da Conceição). A mudança do nome desta de Formosa para Conceição deu-se poucos dias antes de ser inaugurada a 8 de dezembro de 1883 a Matriz Nova, sob a invocação da padroeira da cidade. A Câmara Municipal, atendendo ao apelo da população, denominou-a em 30 de novembro daquele ano rua da Conceição. EM 1913, O JARDIM

Primeiramente um brejo que graças as providências da Câmara foi aterrado com parte do lixo recolhido na cidade e ali depositado. O local transformou-se em capinzal. Nesta situação permaneceu até 1913, quando o prefeito Heitor Penteado, cujo centenário de nascimento se comemorou em 1978, mandou ajardiná-lo. Na administração do prefeito Orestes Quêrcia, uma parte da área da praça Carlos Gomes se transformou em recreio para crianças, com a instalação de equipamentos adequados.

Uma tentativa de fazer um logradouro atraente foi feita em 1881 por Bento Quirino dos Santos, que fez naquele ano à Câmara Municipal uma indicação nos seguintes termos:

"Sendo uma das mais reconhecidas e apregoadas necessidades de nossa povoação o saneamento do Largo Carlos Gomes, ponto que é hoje, como que central para a cidade, e que entretanto, já pelas suas condições especiais, já por um descuido geral, se tem tornado um verdadeiro foco de infecção, apenas embaraçado nas suas naturais consequências pela ação benéfica do nosso ótimo clima, indico que se proceda sem demora e como uma das mais urgentes necessidades a esse saneamento, como os da vala, que dá escoadouro às águas ali afluentes. E como a Câmara não tem de pronto os meios para por em execução uma obra que deve ser realizada debaixo de todas as regras da arte, e até mesmo com todos os atributos de beleza que exige o nosso estado de povo culto, indico mais: 1.º — que se peça ao poder competente, autorização para serem vendidos os prédios que a municipalidade possui, à Rua General Osório, outrora chamada Rua das Casinhas, cujo produto deverá exceder de 30.000\$000; 2.º — que se faça obtida a licença essa venda, pela forma legal, respeitando-se, porém, os contratos de arrendamento existentes e que estiverem nos meios jurídicos; 3.º — que o respectivo produto seja aplicado no serviço de que se trata, procedendo-se um plano para ele, por pessoa habilitada, plano esse em que, deverá ser formada a idéia de um grande lago central, ou como melhor convier, além de se aproveitarem os mananciais de águas existentes no dito largo, para fontes e repuxos e qualquer outro efeito de utilidade".

PRACA CARLOS GOMES

3

Custódio Manoel Alves, em seu memorial enviado à Câmara sobre antigas nomeações populares de ruas e praças desta cidade, referindo-se ao atual jardim das paineiras, diz o seguinte:

"No ano de 1865, abriu-se a rua Boaventura do Amaral, entre General Osório e Conceição, quando derrubaram uma pequena casa que existia no quintal do Afonso Luiz Gordo, onde é largo Carlos Gomes".

Estas informações são bastante vagas, mas não permitem fazer uma idéia do que seria aquele local nos meados do século XIX.

Minado por águas nascentes, corrido de erosões a grande praça central, por muitos anos serviu como depósito de lixo e detritos de toda a espécie, bem como para o despejo de matérias fecais recolhidas na cidade que não possuía o serviço de águas e esgotos.

Nas proximidades, onde atualmente se encontra o Instituto de Educação "Carlos Gomes", em 1860, inaugurava-se o Mercado Grande ou dos Caipiras destinado à venda de gêneros alimentícios, aves e animais de corte que, trazidos pelos sítiantes, ficavam a pastar no capinzal existente em grande parte do largo.

A 27 de setembro de 1880, por indicação dos vereadores Jorge Miranda e Antonio Pompeu de Camargo, dava-se ao local o nome de "Carlos Gomes" homenagem ao ilustre artista, glorificado no Velho Mundo, e que nessa ocasião encontrava-se nesta cidade, em visita aos seus familiares e amigos.

No ano seguinte Bento Quirino dos Santos enviava à Câmara importante projeto de ajardinamento para a praça, sugerindo uma série de obras de embelezamento com o aproveitamento das águas nas nascentes para a construção de um grande lago central repuxos e outras benfeitorias, projeto esse que, por ser muito dispendioso aos cofres municipais, não se tornou em realidade.

Em 1883, em sessão da Câmara, realizada a 20 de dezembro, o vereador Manoel Francisco Mendes entrava com a seguinte indicação:

Achando-se o largo "Carlos Gomes" completamente livre das enxurradas que excessivamente o prejudicavam, sendo esta uma das razões porque não estava pelo menos em começo de arborização, propondo que esta Câmara autorize a compra de cem palmeiras imperiais para serem plantadas à volta do referido largo, de cuja plantação resultará um embelezamento real, com dispendio insignificante, pois está calculado em 300 mil réis".

Juntando-se a esta primeira benfeitoria, logo em seguida inaugura-se um chafariz, peça rústica, de linhas modestas,

tendo como elementos decorativos um jarrão central colocado em nicho e dois golfinhos laterais, ficando os canos do jorrar abaixo do solo, com aproveitamento da maior parte do local.

A 3 de maio de 1900, data aniversária do quarto centenário da descoberta do Brasil, movimenta-se o largo com afluência de povo que compareceu à missa campal rezada em homenagem ao grande acontecimento, ficando o altar na parte que dá para a rua Conceição, armado entre alegrias representativas das caravanas portuguesas.

Por muito tempo ainda continuou o largo entregue ao mato que ali crescia livremente, servindo para o levantamento de circos, ou de coaradoiro para as lavadeiras que aproveitavam a água do chafariz.

A 7 de setembro de 1913, durante a gestão do operoso prefeito dr. Heitor Teixeira Penitendo, inaugurava-se o ajardinamento da praça batizada com o nome do imortal autor do Guarani.

Dai por diante tornou-se moda frequentar o jardim Carlos Gomes que, aos domingos e feriados, nas horas da retraits, enchia-se de famílias, moças e rapazes que movimentavam todas as alamedas, inclusive as calçadas apinhadas de povo.

No bar instalado ao ar livre, agrupavam-se os rapazes a tomar cerveja, namoriscando as moças que passavam em grupos volteando em torno ao círculo.

Festa de notável relevo na vida campineira, foi a grande quermesse ali realizada em 1922 em benefício das reformas da Catedral.

As barracas de estilo muito bem construídas e decoradas, oferecendo completo serviço de comestíveis, as "Vendeuses" trajadas a caráter, japonesas alsacianas e holandesas, constituíram grandes atrativos do certame que deixou inapagáveis recordações aos que tiveram a oportunidade de assisti-lo.

Na época da inauguração onde havia o chafariz, construiu-se o pequeno lago que apresentava ao centro uma gruta de pedras e uma figura de mulher apanhando água num cântaro.

Mas... certo dia chegaram as reformas e o ornato que emprestava uma nota diferente à aridez do jardim com seus tableiros de grama verde, sem flores, desapareceu!

O que se observa agora é o tanque constantemente vazio a mostrar o fundo ressequido onde o vento junta as folhas secas os chorões plantados à margem, símbolos da tristeza, e da saudade do líquido elemento que, também se foi para não mais voltar.



RUAS DA ÉPOCA IMPERIAL

VEREADOR EDMO GOULART

- 1 -

Ruas de Campinas! Caminhos por onde transitaram homens e mulheres de rumos diversos com destinos diferentes! Como qualquer de nós tem suas histórias, seu passado, motivos de existência, hoje perpetuando acontecimentos, ou vultos que se foram e deixaram indeléveis os traços de seus feitos... Em cada via há fato de monta que deve ser contado ou é ponto de ligação com acontecimentos perdidos no tempo, mas que sempre vale a pena recordar.

Uma traz de volta à memória uma jornada de civismo. Outra relembra um cidadão ilustre. Aquela teve sua origem num fato marcante. Essa, num episódio que o povo não pode e não deve esquecer.

Muitas trazem do passado uma história que motivou o seu batismo: algumas que nos acostumamos a considerar como sempre haverem sido o seu nome atual, já tiveram outros, também, por algum motivo.

Aqui, tremo contando a história de cada uma, desde a sua origem, focalizando particularmente aquelas que vieram dos gloriosos tempos do nosso Império.

História, atores, que servirá de fonte de ensino e consulta, aos futuros escritores da vida de Campinas.

Isso é o que vamos tentar fazer aos poucos.

PRAÇA CARLOS GOMES

Antigamente chamava-se Largo do Mercado porque lá existia um mercado inaugurado em setembro do ano de 1861. O referido mercado funcionou até o ano de 1894 quando se instalou ali o Departamento Público medida tomada pelas autoridades competentes em consequência da epidemia de febre amarela que assolou a cidade. Por ocasião da reforma da Cadeia Pública que se localizava onde se encontra hoje o monumento erigido a Carlos Gomes, a nossa Edificação realizou ali algumas sessões. Em 23 de julho de 1877, por proposta do vereador Santos, o nome de Largo foi mudado para Praça Correia de Melo em homenagem ao ilustre sábio botânico falecido naquela época. Ali também se encontrava um dos depósitos de lixo da cidade, cujo objetivo era tapar os buracos existentes no terreno. Isso porém tornou-se um verdadeiro foco de infecção, conforme se vê no parecer dado pela Comissão de Offícios da Câmara em 14 de junho de 1871: — "A Comissão de Offícios a quem foram distribuídos os pareceres dos médicos consultados pela Câmara, em consequência da proposta da mesma Comissão, sobre haver ou não perigo de saubridade da cidade do depósito de lixo do Largo do Mercado, foi de parecer que visto serem concordes os dois pareceres presentes, em ser nocivo e perigoso à saúde pública, em modo de formação de aterros a Câmara ordena terminantemente ao Fiscal que desde já abandone tal destino que tem dado ao lixo removido dos depósitos a varredura das ruas, fazendo daqui em diante conduzir estes materiais para pontos remotos dos subúrbios ou para cinerários, cujos donos os queiram aceitar, e outrossim que desde já a custa do cofre da Câmara e pela verba pública, cubra com grossa camada de terra o lixo e cinzas exposto no Largo do Mercado, a fim de prevenir quanto for possível a contaminação da atmosfera".

A 27 de setembro de 1880, por indicação dos vereadores Dr. Jorge Miranda e Antônio Pompéo o nome dessa praça foi substituído pelo de Carlos Gomes e a denominação de Correia de Melo transferiu-se para o Largo Jorumbeval, ficando em disponibilidade o nome de Carlos Gomes que tinha o Largo do Chafariz Velho. Esta praça recebeu o nome do maestro das Américas porque seus pais e toda a família residiram defronte a ela, no canto da rua Sete de Setembro (Irmã Serafina) e das Casinhas (General Osório).

Três anos depois de receber aquela denominação que permanece até hoje isto em 20 de dezembro de 1883, o vereador Sr. Manoel de Mendonça apresentou a seguinte indicação: — "Achando-se o Largo Carlos Gomes completamente livre de enxurradas que excessivamente o prejudicavam, sendo esta uma das razões por que não estava aquele largo pelo menos em começo de arborização, propunha que esta Câmara autorizasse a compra de certas palmeiras imperiais para serem convenientemente plantadas em volta do referido Largo de cuja plantação resultará um embelezamento real, cujo dispêndio será insignificante, pois está calculado em 300\$000 (trezentos mil réis) pouco mais ou menos".

O projeto foi aprovado.

Com relação às palmeiras plantadas no Jardim Carlos Gomes, é curioso observar o seguinte: Quando D. João VI trouxe ao nosso país a primeira palmeira, proibiu terminantemente que alguém se aproveitasse de suas sementes, pois que isso devia constituir propriedade e exclusividade de Sua Magestade. Assim estabeleceu um corpo de vigilância especial e permanente composto de escravos, cujo dever, sob pena de morte, era impedir a saída de sementes do local onde se encontrava plantada a palmeira. Quando os cachos produziam os coquinhos, estes eram apanhados e imediatamente queimados.

Dai surgiu também o título de palmeiras imperiais, quando na realidade deveriam ser chamadas palmeiras reais.





PRAÇA CARLOS GOMES

Música

Notícia de Carlos Gomes

A 4 de setembro de 1861, os cantores da Imperial Academia de Música e Ópera Nacional, que o exilado espanhol D. José Amat fundará no Rio, e onde Francisco Manuel tinha função destacada — levaram à cena, no Teatro Lírico Fluminense, a primeira ópera de um jovem músico de Campinas que, um ano antes, apenas, chegara ao Rio. Era Antônio Carlos Gomes que, com sua partitura *A Noite do Castelo*, em 3 atos, iria alcançar sucesso estrondoso. Nascido a 11 de julho de 1836, filho do mestre de banda Manuel José Gomes, quem se destinava a ser nosso maior compositor de teatro lírico, fugira da casa paterna, em Campinas, para estudar música no Rio de Janeiro, onde cursara, irregularmente, no Conservatório de Música dirigido por Francisco Manuel, a classe de composição do professor italiano Giachino Giannini. Antes, em São Paulo, que visitava com bastante frequência, na companhia de seu irmão, também músico, José Pedro de Sant'Ana Gomes, já havia composto duas páginas que são provas de vigoroso talento e vocação irresistível: o *Hino Acadêmico* e a deliciosa modinha *Quem sabe?*, ambos sobre versos de Bittencourt Sampaio. No Rio, aquela primeira ópera seguiu-se, dois anos depois, também através da Imperial Academia de Música e Ópera Nacional, a *Joana de Flandres*. Novo triunfo, deter-

minando que D. Pedro II enviasse Carlos Gomes à Europa, onde estudou em Milão, com Lauro Rossi, diretor do Conservatório. As suas duas primeiras óperas foram escritas sobre libretos em português, de Fernandes dos Reis e de Salvador de Mendonça, respectivamente, o que se ajustava ao programa da Academia de Música e Ópera Nacional, de estimular o desenvolvimento do canto lírico em nossa língua. Mas apesar dos libretos, essas óperas de estréia já se encontravam sob o signo do italianismo dominante, fatalidade histórica que marca também todas as suas demais óperas, já compostas na Itália: *Il Guarany* (1870), *Fosca* (1873), *Maria Tudor* (1879), *Lo Schiavo* (1889), *Condor* (1891), e o poema sinfônico-vocal *Colombo* (1892).

Morto em Belém do Pará, como diretor do Conservatório local, em 1896, é Carlos Gomes o nosso maior músico dramático. Dotado de uma capacidade por vezes genial de invenção melódica, Carlos Gomes não só se entrega à influência italiana, mas também, como na ópera *Lo Schiavo*, se faz sensível à de Wagner. E nada obstante há, em sua música, a certos trechos, algo que nos mostre como o grande músico exprime um vivo sentimento da pátria, dentro das características a que o conduziu a sua inelutável formação musical.

EURICO NOGUEIRA FRANÇA

(Da Secção "Música" do jornal "Correio da Manhã",
do Rio de Janeiro, datado de 04-setembro-)



A S B A N D A S D E C A

XIII

Campinas, desde a metade do século passado já se orgulhava de possuir uma das melhores corporações musicais do país, e eram raras também as fazendas que não tinham as suas "charangas" e "bandas", com excelentes músicos e estes, por amor à arte, faziam questão de pertencerem às mesmas, pois só o fato de tornar-se músico representava algo com que o indivíduo se sentia como que sublimado. Em 1816, além do moço mulato da Parnaíba, Manuel José Gomes, mais conhecido como "Maneco Músico", vários eram os professores de música que aqui residiam. A maioria deles vivia da lavoura e do comércio e nas horas vagas dedicavam-se à arte de ensinar e tocar instrumentos musicais. Com o passar dos anos, era o "Maneco Músico" o mais procurado na então Vila de São Carlos, como era então conhecida. Em 1846 estava programada a visita do Imperador D. Pedro II à vila e quem passasse pela rua da Matriz Nova (atual Regente Feijó), notaria por certo grande afluência de pessoas, que penetravam e desapareciam pelo interior de uma casinha de porta e janela localizada naquela rua, entre a rua da Cadeia (rua Bernardino de Campos) e o Beco do Caracol, atual Benjamin Constant. Pela sua capacidade comprovada, "Maneco Músico" foi procurado pelas autoridades locais para que organizasse



e apresentasse uma corporação musical à altura do prestígio, que então gozava a nossa cidade perante a Corte Imperial. "Maneco Músico", naquele ano de 1846, havia fundado a corporação musical denominada "Banda Marcial", sucedendo-se os ensaios durante dias e noites, terminando às vezes às altas horas da noite; o enérgico e irascível paraibano, quando tinha a batuta na mão, não dava um minuto de descanso aos que se achavam debaixo de suas ordens. "O Chico", Modesto de Lima, padre Sant'Ana, mais conhecido como "Nhô Quim", Joaquim Pium, os irmãos Monteiro, o Ernesto, pintor, Ramos, o velho, o Juca Ramos, o Joaquim Seleiro, o Tubica, os dois filhos do maestro, o rapazola Juca, (Sant'Ana Gomes) que tocava clarinete, e o seu irmãozinho o "Tônico" (Carlos Gomes) que, sonolento, ao fundo da sala, tocava quase maquinalmente o ferrinho (triângulo), tocavam o grupo. Um ano depois essa mesma corporação passa-se a denominar "Orquestra e Banda Campineira", sempre na direção do rígido "Maneco Músico", que passa a tomar parte em quase todas as festas religiosas e profanas que se realizavam na ex-Vila de São Carlos; mais tarde José Pedro de Sant'Ana Gomes organiza uma corporação musical que passaria a denominar-se "Banda Musical de Amadores Filorfenicas". "Juca Músico", como era mais conhecido, arregimentara nessa corporação musical a fina flor da sociedade campineira, destacando-se entre elas eminentes personalidades que muito contribuíram no campo educacional e político da época. Podemos apontar os seguintes elementos que pertenceram à "Filorfenica": "Chico Pingura", Bento Quirino e Custódio M. Alves, que tocavam bombardino, Pires da Motta e Vilarinhos, pistonistas, José Delmont, trompista, Carlos Bressane e Francisco P. Simões dos Santos, que tocavam trombones, no sax estavam o Sampainho, Antunes Pereira e Leão Cerqueira, bombo e pratos, o Juca Cruz, Francisco Teodoro no bombardão, Bento Pires no requinta, na caixa o José Xavier e nos clarinetes Antonio F. de Souza e o maestro "Juca Músico". Além da banda, existia também a "Orquestra Filorfenica", dirigida também por aquele maestro, onde se encontravam João C. Cezarino, Joaquim A. da Silva Camargo, capitão Luiz Pupo de Moraes, o rábula Francisco Glicério, mais conhecido como "Chico" e muitos outros. Naquele ano de 1864, a banda de "Juca

GERALDO SESSO JUNIOR

165



Músico", para desgosto deste, era também conhecida como a "Banda de Baixo", em vista da séria concorrência que lhe fazia a então "Banda Romana", dirigida por Joaquim Romão que, para gáudio deste, era também conhecida como a "Banda de Cima". Nesse mesmo ano apareceram mais duas bandas musicais denominadas "Banda da Santa Cruz" e a "Euterpe Infantil", que tiveram poucos anos de vida. Em 1870 é fundada pelos irmãos Elisário, Cândido, Floriano e Antonio Alvaro de Souza Aranha a "Banda Mato Dentro", dirigida pelo maestro Azarias Dias de Melo, sendo a mesma dissolvida em 1875. Quando da inauguração da Estação da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, a 11 de agosto de 1872, além de uma corporação musical que viera da capital, lá estavam para os festejos as duas bandas, a de "Juca Músico" e a "Banda Fazenda S. Maria", compostas tão somente de músicos negros escravos, pertencentes ao fazendeiro Comendador Villela. Com a morte de "Maneco Músico" ocorrida, anteriormente, a 11 de fevereiro de 1868, Sant'Ana Gomes havia tomado o encargo de continuar a obra iniciada por seu pai, pois tinha um nome a zelar, considerando-se ainda ser irmão de Carlos Gomes. Em 1880 é fundada a Sociedade Luiz de Camões, e com esta, uma banda musical com o mesmo nome. Em 1889 sob a regência de Moreira Lopes, é fundada a "Banda Carlos Gomes", em homenagem ao insigne maestro que soubera elevar bem alto o nome do Brasil. Mais tarde essa corporação é dissolvida, sendo fundada outra com o mesmo nome pelo maestro Agide Azzoni, que também não tivera longa duração. Em 1894 é formada nova corporação musical denominada "União Operária", sob a regência do maestro Juvenal Plácido da Costa, que também desapareceu no segundo decênio deste século, por questões financeiras. O ano de 1895 tinha sido o climax da imigração italiana em nosso país, e a maior parte dela havia sido encaminhada para o Estado de São Paulo; dessa forma Campinas tomava novo impulso com a vinda desses peninsulares. Tanto a lavoura como o comércio passaram a fazer maiores movimentos. Dotado de indole artística resolvem os italianos arregimentar os "paisanos" interessados em música. Assim, a 4 de julho de 1895, é formada a "Banda Italo-Brasileira" que, sob a regência do maestro Constantino Soriani, é composta dos seguintes músicos,



na maioria de origem italiana: Giuseppe Troiano, Romualdo Suriani, Panfilo Sabatini, Giovanni Suriani, Miquel de Felippis, Gabriel de Vasconcelos, Ernesto Ricci, Benjamin C. da Silva, Pompeu de Túlio Sobrinho, Martinho Badhe, Carlos e Clemente Hilchner, Paulo Suriani, Marotta Antonio, Marcos Vivarelli, Atilio Dangieri, Giustino Scamuffo, Domenico Curcio, Francisco Tullio, Humberto Troiano, Natale Salateu e Francisco Vevoni. Com o passar do tempo notava-se que o aparecimento da "Banda Italo-Brasileira" provocou o surgimento de novas corporações de música e dentre elas podemos apontar: "Banda da Fazenda Chapadão", "Banda da Fazenda Recreio", ambas sob a regência de Leoncio da Silva, "Soc. Musical Lirá de S. Benedito" com a regência de Luiz Monteiro, "Banda Brasileira" do maestro Salvador Bueno de Oliveira, "Banda Garibaldi", "Musical Campineira de Homens de Cór", dirigida por João de Oliveira, "União Campineira de Cór", "Banda Progresso"; fundada por Giuseppe Troiano, em fins de 1913, isso sem contarmos com inúmeras "charangas" que existiam e das bandas militares, que pertenciam ao governo. Em 1905, sob a direção do maestro Zimbres, é organizada a famosa "Banda do Boi", corporação que durante muitos anos divertiu o povo campineiro nas épocas carnavalescas. Em 1909, a "Banda Italo-Brasileira", comemorando o seu décimo quarto ano de existência, fez realizár grandiosa retreta no então "Jardim Público" (hoje Praça Imprensa Fluminense) que ficou totalmente tomada. Foram convidadas muitas personalidades da cidade de São Paulo e do interior, que não regatearam aplausos à então famosa banda que ia se tornando conhecida como uma das mais perfeitas das existentes no país. Por certo ainda está gravada nos corações dos antigos campineiros esta festa em que tomaram parte os seguintes músicos, sob a batuta do não menos famoso Troiano: Marco Vivarelli, Francisco Tullio, Constantino Suriani, Paulo Suriani, Emilio Rossini, Raúl da Luz, Diogo I. Bratfish, Atilio Dangieri, Augusto Moreira, Domenico de Curcio, Miguel de Felippis, Olivio Trevisalli, João Suriani, Natale Salateu, Humberto Troiano, Justino Scamuffo, Lourenço Luppi, Palmerino Suriani, Pampilo Sabatini, Martinho Badhe, Olivio Catuzzo, Leopardo Russo, Jaime Pires, Pompeo de Tullio e Giuseppe Pizzati, este último, apesar de seus



longos janeiros às costas, pode ser visto nas retretas que são realizadas atualmente no coreto da Praça Carlos Gomes. Naqueles mesmos dias, durante os festejos que se realizavam, José Veneri é aclamado presidente benemérito pelo muito que havia feito em benefício da "Banda Italo-Brasileira" e, além daquele cavalheiro, podemos apontar a figura do saudoso Domingos Paulino, outro elemento que muito trabalhou em prol da música em nossa terra: foi eleito por diversas vezes, presidente da "Banda Italo-Brasileira" e em 1911 eleito também presidente da "Banda Carlos Gomes". Os anos foram decorrendo e pelas trilhas que a "Banda Italo-Brasileira" ia passando, ficavam os sulcos de grandes sucessos que se acumulavam de ano para ano. Quando dos festejos do centenário de 1922, aquela corporação é convidada a tomar parte dos mesmos, que se realizavam no Rio de Janeiro, com a presença de Eptácio Pessoa, então presidente da República e do Rei da Bélgica, que se achava em visita ao nosso país. Os componentes da Banda foram aplaudidos freneticamente por todas as altas autoridades ali presentes. Essa caravana havia sido organizada e dirigida pelo jornalista Alvaro Ribeiro que, em companhia de Domingos Paulino, não mediu esforços e sacrifícios para poder apresentar ao povo brasileiro uma corporação digna do nome de Campinas. Mais tarde outras bandas musicais foram organizadas, entre elas a "Corporação Musical Campineira dos Homens de Cór", fundada pelo maestro João de Oliveira e atualmente dirigida pelo sr. Venâncio Pompeu, que vem servindo o público campineiro desde 11 de junho de 1933, data de sua fundação e "Banda Santa Cecília", fundada em 1946, que também vem cooperando nas retretas que se realizam em nossa cidade. Quando da última Guerra Mundial, por questões políticas, a Banda "Italo-Brasileira" foi obrigada a ter outra denominação, passando a ser conhecida até hoje como "Banda Carlos Gomes".

As grandes corporações musicais que Campinas possuía no passado ficaram reduzidas a três, que lutam com dificuldades e a continuar assim, em breve, não teremos mais retretas musicais em Campinas, pois não temos no momento nem direito de afirmar que as "bandas de cá" são melhores que as "bandas de lá"...

(Extraído de fls. 161 a 169 do livro "Retalhos da Velha Campinas" de autoria de Geraldo Sesso Júnior, Empresa Gráfica e Editora Palmeiras Limitada, Campinas, SP, 1970)